



## UTILIZAÇÃO E COMÉRCIO DE PLANTAS MEDICINAIS EM CAMPINA GRANDE, PB, BRASIL

### *USE AND TRADE OF MEDICINAL PLANTS IN CAMPINA GRANDE, PARAIBA, BRAZIL*

Rômulo R. da N. Alves<sup>1\*</sup>; Alan de Angeles G. da Silva<sup>2</sup>; Wedson de M. S. Souto<sup>2</sup>; Raynner Rilke D. Barboza<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Prof. Departamento de Biologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Av. das Baraúnas, n. 351/Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande-PB, Brasil.

<sup>2</sup>Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas da UEPB, Av. das Baraúnas, n. 351/Campus Universitário, Bodocongó, 58109-753, Campina Grande-PB, Brasil.

\*Autor para correspondência e-mail: romulo\_nobrega@yahoo.com.br

*Recebido em 07/10/2007 - Aceito em 10/12/2007*

**RESUMO:** A medicina oficial a cada dia que passa é um elemento de difícil acesso para a maioria do povo brasileiro dado os altos custos das consultas médicas e dos remédios. O presente trabalho teve como objetivo principal inventariar as plantas com usos terapêuticos, comercializadas em mercados e feiras livres do Município de Campina Grande, Paraíba, Brasil. O trabalho consistiu em uma pesquisa descritiva, realizado através de observações sistemáticas, tendo, como principal técnica metodológica, um questionário padronizado para os comerciantes de plantas medicinais. Realizou-se a coleta de dados no período de julho de 2004 a fevereiro de 2005. Os comerciantes de ervas da cidade de Campina Grande apresentam baixo grau de escolaridade e possuem renda salarial baixa, sendo o comércio de plantas medicinais a sua principal fonte de renda, evidenciando a importância sócio-econômica dessa atividade. Os resultados evidenciaram o comércio de 25 espécies medicinais, as quais são indicadas para tratamento de 39 enfermidades. Inflamação foi a doença com maior número de citações de uso, seguida de diabetes e gastrite. Em relação à forma de preparação das plantas, observou-se a predominância dos chás (76%), lambedor – mistura de ervas e outros produtos como mel ou açúcar (14%) e uso tópico e banho (com ervas) (10%). Embora o uso de plantas medicinais seja uma alternativa terapêutica importante, alerta-se para que as condições sanitárias de manutenção e estocagem dos produtos comercializados mostraram-se precárias, evidenciando a possibilidade de contaminações microbiológicas e alertando para o risco que isso pode acarretar a saúde dos usuários. Certamente, faz-se necessária a implementação de medidas sanitárias e de educação que contribuam para o uso racional de plantas medicinais.

**PALAVRAS-CHAVE:** medicina tradicional, etnobotânica, etnofarmacologia, plantas medicinais, comerciantes de ervas.

**ABSTRACT:** The official medicine, each day long, is a difficult access element for most of the Brazilian people due to the high costs of the medical care and medicines. The present work had as main objective to inventory the plants with therapeutic uses commercialized in markets and free markets of the Municipal district of Campina Grande, Paraíba, Brazil. The work consisted of a descriptive research, accomplished by systematic observations, dealing as main methodological technique, a standardized questionnaire for the medicinal plants' merchants. The data collection took place in the period of July (2004) to February (2005). The herbs merchants of Campina Grande city present low education degree and possess low salary income, being the medicinal plants trade their main source of income, evidencing the socioeconomic importance of that activity. The results evidenced the trade of 25 medicinal species, which are suitable for the treatment of 39 illnesses. Inflammation was the disease with higher number of use citations, following by diabetes and gastritis. By the way the plants are prepared, the predominance of teas was observed (76%), "lambedor" - mixture of herbs and other products as honey or sugar (14%) and topic use and bath (with herbs) (10%). Although the use of medicinal plants is an important therapeutic alternative, it must be pointed out that the sanitary conditions regarding the maintenance and stockpiling of the marketed products were shown precarious, evidencing the possibilities of microbiological contaminations and alerting for the fact that it may cause risks for the users' health. Certainly, the implementation of education measures and effective information that can contribute to the rational use of medicinal plants is necessary.

**KEY WORDS:** traditional medicine, ethnobotany, ethnopharmacology, medicinal plants, herbs merchants

## INTRODUÇÃO

A Etnobotânica compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas. Pesquisas nesta área facilitam a determinação de práticas apropriadas ao manejo da vegetação com finalidade utilitária, pois empregam os conhecimentos tradicionais obtidos para solucionar problemas comunitários ou para fins conservacionistas (BECK & ORTIZ, 1997) e podem também subsidiar trabalhos sobre uso sustentável da biodiversidade. A pesquisa etnobotânica é um importante instrumento para levantar, compreender e registrar os dados sobre o conhecimento popular do uso das plantas em uma determinada comunidade. Esse conhecimento envolve relações de troca de informações entre as pessoas e seu entendimento sobre o meio ambiente em que vivem, e são permeadas por fatores culturais e sociais (COSTA, 2002).

O Brasil, por sua dimensão e variedade de ecossistemas e populações, oferece uma oportunidade única de analisar comparativamente conjuntos sócio-econômicos-ambientais com características distintas (ALVES, 2006). Nosso país possui a maior cobertura de florestas tropicais do mundo, especialmente concentrada na Região Amazônica (MMA, 2002) e uma das maiores linhas de costa (cerca de 7500 Km), apresentando uma larga diversidade de ecossistemas de domínio tropical e subtropical. Isto, aliado a sua extensão territorial, diversidade geográfica e climática, possibilita abrigar uma imensa diversidade biológica, o que faz do Brasil o principal país entre os países detentores de mega-diversidade do planeta, onde se encontram 15% a 20% da 1,5 milhão de espécies descritas na Terra. Nosso país engloba a flora mais rica do mundo, com cerca de 55 mil espécies de plantas superiores (aproximadamente 22% do total mundial) e abriga 524 espécies de mamíferos, 1.677 de aves, 517 de anfíbios e 2.657 de peixes (LEWINSOHN & PRADO, 2002).

Embora o Brasil abrigue uma das floras mais ricas do globo, 99,6% dela é desconhecida quimicamente (GOTTLIEB et al., 1996). Adicionalmente, a forte pressão antrópica que os ecossistemas vêm sofrendo tem levado à perda de extensas áreas verdes, da cultura e das tradições das comunidades que habitam estas áreas, que dependem de recursos do meio para sobreviver. Estes fatores demonstram a necessidade de continuar desenvolvendo estudos sobre Etnobotânica e Botânica Econômica no Brasil (FONSECA & SA, 1997), além da Fitoterapia.

O acúmulo de conhecimentos empíricos sobre a ação dos vegetais vem sendo transmitido desde as antigas civilizações até os dias atuais, e a utilização de plantas medicinais tornou-se uma prática generalizada na medicina popular (DORIGONI et al., 2001; MELO et al., 2007). De acordo com TRESVENZOL et al. (2006), o conhecimento sobre plantas medicinais representa muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos.

Atualmente, nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais (TRESVENZOL et al., 2006). Segundo SILVA et al. (2001), esse tipo de comércio envolve várias espécies e inclui partes, produtos e subprodutos de plantas, sendo a maioria, comercializadas somente pelo nome popular. O comércio local não está controlado, inclui plantas medicinais muitas vezes não estudadas ou ainda que não tiveram seus princípios ativos identificados para validá-las como medicamentos ou aproveitá-las adequada e economicamente. As plantas são utilizadas por uma variedade de usuários localizados em qualquer lugar do país. Algumas plantas possuem grande importância comercial como o Jaborandi (*Pilocarpus* spp.) e a Fava d'anta (*Dimorphandra mollis*) (FERREIRA, 1998).

Relacionando-se ao uso e comércio de plantas medicinais, destaca-se a figura do raizeiro, pessoa já consagrada pela cultura popular, no que diz respeito ao conhecimento sobre o preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais a qual são figuras marcantes com espaço garantido nas ruas, em feiras livres e mercados (DOURADO et al., 2005; TRESVENZOL et al., 2006). Raizeiros comercializam plantas medicinais e preparados líquidos denominados "garrafadas", orientando como usá-las e prepará-las para curar as mais diversas doenças, apesar de não terem, em geral, um conhecimento muito profundo sobre os verdadeiros usos dos vegetais que comercializam, seus efeitos adversos e interações medicamentosas (ARAÚJO et al., 2003).

TRESVENZOL et al. (2006) ressaltam a necessidade de preservar o conhecimento popular sobre o uso medicinal das plantas que de certa forma, tem se restringido a número cada vez menor de pessoas, devido, em parte, ao avanço dos medicamentos alopáticos, ao processo de urbanização e às mudanças culturais e sociais. Convém ressaltar que o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas como fontes de medicamentos é importante do ponto de vista da prospecção biológica, visto que, muitas das drogas hoje usadas na medicina moderna foram descobertas a partir de seu uso na medicina popular. Diante disso, os objetivos deste trabalho foram inventariar as plantas com usos terapêuticos, comercializadas em mercados e feiras livres do Município de Campina Grande, Paraíba, Brasil, bem como caracterizar o perfil socioeconômico dos comerciantes desses recursos.

## METODOLOGIA

### Breve caracterização da área do município de Campina Grande, PB

O município de Campina Grande situa-se no Estado da Paraíba, que está localizado na porção oriental da região Nordeste pertencente ao Brasil. AGUIAR (2005) ressalta que este é o maior e o principal município do interior do Estado e um dos mais importantes do Nordeste, desenvolvendo as funções de centro agropecuário, industrial e comercial.

A área do município de Campina Grande é de 621 km<sup>2</sup>. Situa-se a uma altitude de aproximadamente 550 metros acima do nível do mar, na região oriental do Planalto da Borborema, ocupando o trecho mais alto desse planalto (IBGE, 2007). As coordenadas geográficas de Campina Grande são 7°13'11" de latitude Sul e 35°52'31" de longitude Oeste (RODRIGUES et al., 1996) (ver Figura 1).

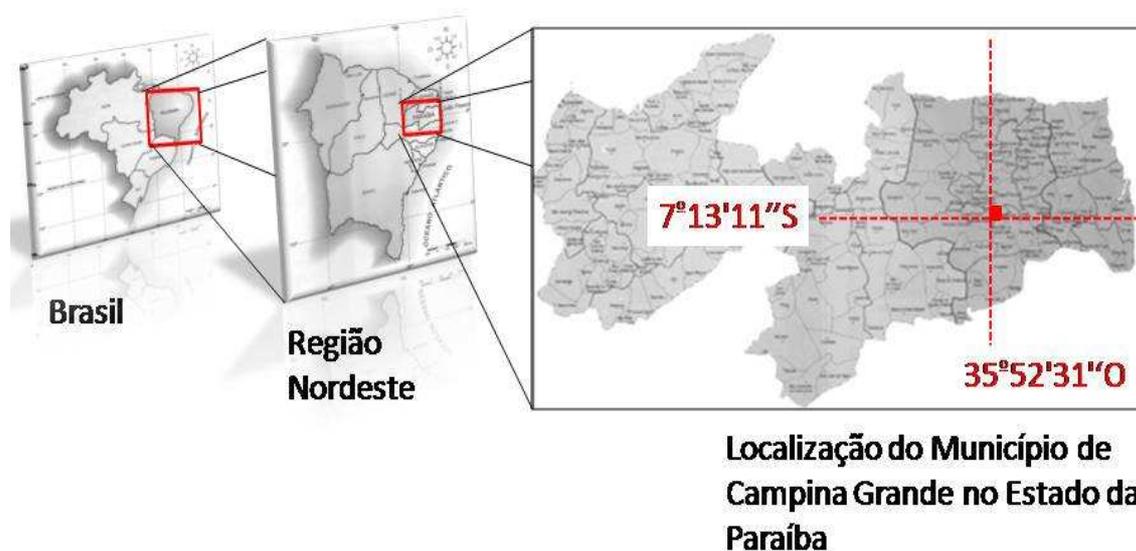


Figura 1: Localização do município de Campina Grande, PB.

### Procedimentos

O trabalho de campo foi realizado entre os meses de julho de 2004 a fevereiro de 2005. Visitas foram feitas aos seguintes mercados e feiras livres do município de Campina Grande-PB: Arca Catedral, Arca Titão e Mercado Central – localizados no Bairro do Centro; Mercado da Prata – localizado no Bairro da Prata; Mercado do Monte Santo - localizado no Bairro do Monte Santo e Mercado da Liberdade - localizado no Bairro da Liberdade. A escolha dos entrevistados incidiu sobre os comerciantes de plantas medicinais que trabalham nas feiras livres do Município de Campina Grande. A seleção dos sujeitos se deu através da adoção de dois critérios básicos: estar trabalhando no setor relacionado ao objeto de pesquisa a mais de um ano e ser conhecedor das plantas usadas para fins terapêuticos. As informações foram obtidas através de entrevistas com 20 comerciantes, sempre em local e horário previamente marcado, de forma que não atrapalhasse o entrevistado em suas atividades e possibilitasse o desenvolvimento das entrevistas sem interrupções frequentes.

Para coleta de dados foram utilizados formulários semi-estruturados (BERNARD, 1994), complementados por entrevistas livres e conversas informais (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004). Os questionários continham questões sobre as espécies vegetais de uso medicinal, seus respectivos usos, preparos e partes utilizadas. Adicionalmente, obtiveram-se informações sobre o entrevistado, abordando aspectos sócio-econômicos como renda, escolaridade e tempo de trabalho com comércio de plantas para fins medicinais, entre outras questões. As informações foram checadas repetidamente para permitir ao entrevistador corrigir ou acrescentar dados sobre uma dada planta. Realizou-se a confirmação destas informações, sobretudo de maneira *sincrônica*, que consiste em perguntas feitas a indivíduos diferentes em tempos muito próximos (MARQUES, 1991); no entanto, para alguns indivíduos, principalmente aqueles que demonstraram grande conhecimento em medicina veterinária popular, utilizou-se também o modo *diacrônico* para confirmação de informações que consiste basicamente na repetição de uma pergunta ao mesmo indivíduo, mas em tempos relativamente distintos (MARQUES, 1991). Quando permitido, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para confirmação das informações. Utilizou-se ainda câmara fotográfica durante as entrevistas.

Após a coleta de dados, foi realizada a leitura e releitura cuidadosa das entrevistas buscando a categorização das informações obtidas. Para a análise dos dados, utilizou-se o programa Microsoft® EXCEL® 2007, sendo realizada a estatística descritiva a partir da codificação por tabulação simples, distribuição de porcentagens, tabelas ou gráficos.

A identificação das plantas citadas foi obtida através de nomes vulgares e por consultas a especialistas e a trabalhos científicos sobre plantas medicinais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

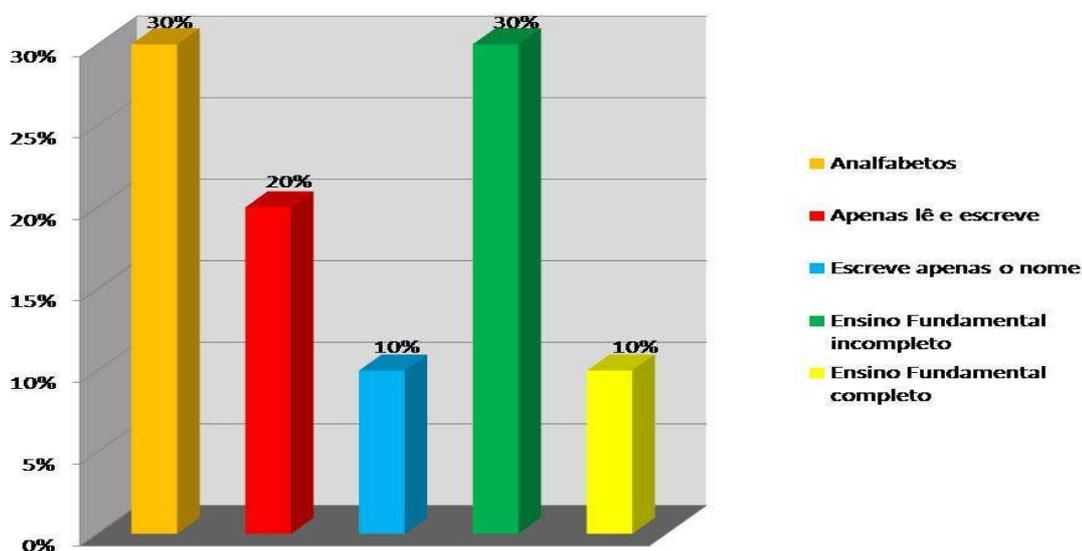
### Perfil sócio-econômico dos entrevistados

Os erveiros entrevistados pertenciam, na sua maioria (n=12), ao sexo masculino. A estrutura etária dos entrevistados variou de 33 a 81 anos, com média de 49,7 anos. A maior parte dos entrevistados (60%) pertencia à faixa etária de 30 a 40 anos e de 40 a 50 anos, seguida da faixa de 50 a 60 anos (20%), sendo que os indivíduos se distribuíram até a faixa de 70 a 81 anos, embora em menores proporções (Tabela 1). Em relação às mulheres entrevistadas, a faixa etária variou de 35-64 anos, e para os homens de 33-81 anos. Constatou-se, desta forma, que 70% do conhecimento fitoterapêutico está concentrado nas pessoas com mais de 40 anos. São comerciantes que possuem renda mensal baixa, a maioria (70%) dos entrevistados afirma possuir renda equivalente a um salário mínimo.

**Tabela 1:** Distribuição percentual dos erveiros entrevistados quanto à idade.

Idade	Nº de entrevistados	%
30 – 40	6	30
40 – 50	6	30
50 – 60	4	20
60 – 70	2	10
70 - 81	2	10
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Com relação ao grau de escolaridade dos entrevistados, pode-se observar que 30% são analfabetos, 30% possui ensino fundamental incompleto e apenas 10% possuem o ensino fundamental completo (Figura 2). ALVES (2006), em estudo realizado em mercados e feiras de São Luís, MA, Belém, PA e Teresina, PI, também observou um baixo grau de escolaridade entre erveiros. Esse mesmo autor ressalta que a falta de escolas, a ausência de incentivos para continuar os estudos e a necessidade de trabalhar para contribuir para melhoria da renda familiar, estão entre os principais fatores que ocasionam o abandono das salas de aula.



**Figura 2:** Grau de escolaridade dos comerciantes de ervas da cidade de Campina Grande, PB.

Um total de 80% dos entrevistados tem habitação própria, sendo que o restante tem sua moradia cedida

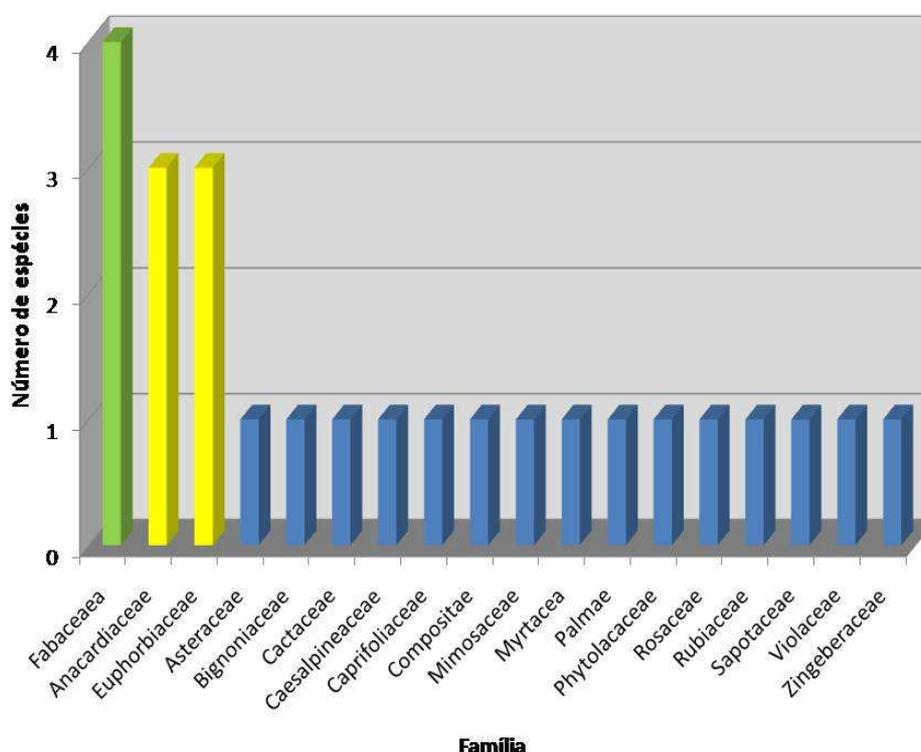
Condições habitacionais											
Situação	%	Tipo de casa	%	Numero de Cômodos	%	Banheiro	%	Água encanada	%	Luz elétrica	%
Própria	80	Alvenaria	90	2	10	Possui	90	Possui	59	Possui	87
Cedida	10	Madeira	10	3	20	Não	10	Não	41	Não	13
Alugada	10			5	70						

(por parente ou amigo) ou alugada. A maioria das construções (90%) é de alvenaria e 10% de madeira, com cobertura de telhas de cerâmica, apresentando um número de cômodos variando de 2 a 5, com predominância de 5 (70%) e 3 (20%) cômodos (Tabela 2).

**Tabela 2:** Condições habitacionais dos vendedores de plantas medicinais do Município de Campina Grande, PB.

### Plantas medicinais comercializadas

Os erveiros entrevistados citaram um total das 25 espécies de plantas comercializadas como medicinais. Estas espécies pertencem a 17 famílias botânicas, sendo a mais representativa, em número de espécies, a família Fabaceae com 4 espécies, seguida por Anacardiaceae e Euphorbiaceae, ambas com 3 espécies (Figura 3). O número de espécies obtido nesse trabalho foi baixo quando comparado a outros trabalhos, como o de ALMEIDA & ALBUQUERQUE (2002), realizado na feira de Caruaru, PE, onde os autores registraram o comércio de 114 espécies, pertencentes a 57 famílias botânicas. COSTA (2002) registrou 55 famílias botânicas utilizadas por curandeiros em Iporanga, SP, onde as principais famílias usadas eram Asteraceae, Lamiaceae, Myrtaceae, Solanaceae.

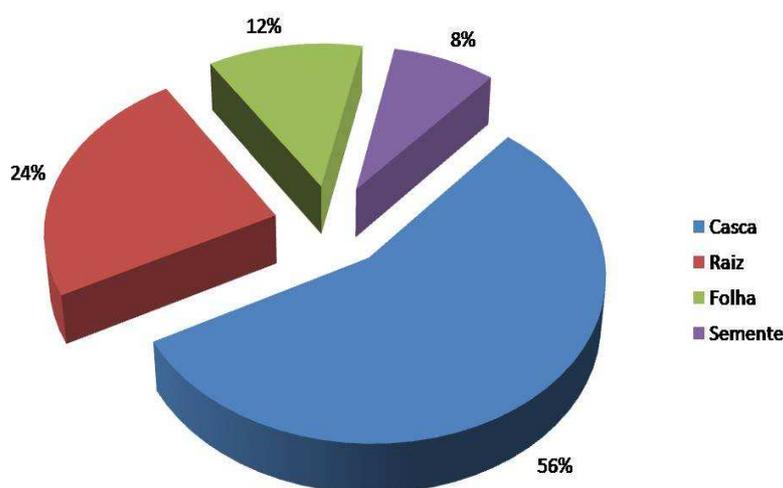


**Figura 3:** Famílias botânicas relacionadas à frequência de citações dos erveiros no município de Campina Grande, PB.

As plantas medicinais citadas com maior frequência foram: *Stryphnodendron sp.*- Barbatenom (08), *Ximenia americana* L.- Ameixa (07), *Myracrodunon urundeuva* (Engl.) Fr. All. – Aroeira (07), *Cnidioscolus phyllacanthus* (Mart) Rax e Hoffman - Favela (06), *Hibanthus ipecacuanha* (L.) Oken. – Papaconha (06), *Anacardium occidentale* L. - Cajueiro-roxo (06) e *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D. Penn. – Quixaba (06). As demais espécies foram citadas por menos de 06 entrevistados (Tabela 3).

As plantas citadas foram indicadas para tratamento de 39 doenças. Na Tabela 3 são apresentados os dados relativos à forma de utilização, parte utilizada e observações das plantas medicinais citadas. Das indicações terapêuticas citadas, algumas agrupam diferentes sintomatologias, como por exemplo, em sintomas gripais incluem-se dor de cabeça, febre, tosse, etc. No trabalho de SOMAVILLA & CANTO-DOROW (1996), realizado em bairros de Santa Maria, RS, são apresentadas 48 indicações terapêuticas de plantas medicinais da região. Estes mesmos autores citam problemas digestivos, gripe e processos inflamatórios como as indicações terapêuticas mais representativas. No presente trabalho, inflamações, diabetes e gastrite foram as enfermidades que tiveram maior número de indicações para tratamento com as plantas medicinais comercializadas (Tabela 3).

No que se refere à parte da planta medicinal utilizada, observou-se um maior uso de cascas na preparação dos remédios (56%), como apresentado na Figura 4. Neste ponto, os dados deste trabalho discordam dos obtidos por COSTA (2002) que verificou a predominância de folhas (56%) como a parte das plantas mais utilizada medicinalmente por moradores de Iporanga, SP. Já no trabalho de FARIA (1998), em estudo realizado sobre o uso de plantas medicinais em Juscimeira e Rondonópolis, MS, as folhas (41%) também representam a parte mais utilizada como remédio. PARENTE & ROSA (2001), em estudo sobre plantas medicinais no Município de Barra do Piraí no Rio de Janeiro, destacaram a predominância do uso de planta integralmente.



**Figura 4:** Distribuição percentual por partes das espécies vegetais utilizadas para fins medicinais no município de Campina Grande, PB.

### Modos de uso

Em relação à forma de utilização das plantas, observou-se a predominância dos chás (76%), uso na preparação de “lambedor” (preparação feita de ervas juntamente com açúcar ou mel) ou “garrafada” (14%) e outros usos, como uso tópico e banho diário com 10%. O uso combinado de plantas diferentes é bastante freqüente, assim como a utilização de outros ingredientes na preparação dos remédios, tais como: leite, mel, vinhos, etc. SIMÕES (1989) alerta que esta prática é perigosa, porque nem sempre o processo de preparação mais indicado é o mesmo para plantas diferentes e a combinação pode resultar em efeitos imprevisíveis. Os modos de uso constatados neste trabalho são semelhantes aos obtidos por AMOROSO & GÉLY (1988), ROSA et al. (1991) entre outros autores, que também constataram o uso de chás como forma de uso predominante. Apesar de em outros trabalhos (CAMARGO, 1985; AMOROZO & GÉLY, 1988; DOURADO *et al.*, 2005; TRESVENZOL *et al.*, 2006), as garrafadas serem citadas freqüentemente, no presente estudo, houve poucas referências a essa modalidade de uso.

As condições sanitárias de manutenção e estocagem dos produtos fitoterápicos mostraram-se precárias, evidenciando a possibilidade de contaminações microbiológicas e alertando para o risco que isso pode acarretar a saúde dos usuários. Pesquisa sobre plantas medicinais comercializadas em mercados da cidade de São Luís, Estado do Maranhão, revelou que a maioria das amostras de plantas medicinais adquiridas nas bancas de erveiros estava imprópria para consumo, sendo comprovada a contaminação microbiológica em 81,5% do material vegetal analisado (AMARAL et al., 2003). Pesquisas voltadas para investigar como estes produtos, do ponto de vista sanitário e legal, estão sendo oferecidos ao consumidor são praticamente inexistentes na região Nordeste do Brasil (AMARAL et al., 2003; NASCIMENTO et al., 2005).

DANTAS & GUIMARÃES (2006), em um estudo específico sobre o perfil dos raizeiros do município de Campina Grande, Paraíba, constatou que o procedimento de venda indiscriminada de plantas medicinais, efetuada pelos mesmos nesta cidade e em qualquer cidade do Brasil, seja na forma de ervas, lambedores e garrafadas, sem qualquer fiscalização do órgão competente ou norma que controla este comércio, é algo que merece destaque. Estes autores observaram que nos bancos de vendas de ervas em Campina Grande os produtos ficam expostos ao sol, à chuva, à poeira, aos poluentes (especialmente de veículos), algumas

apresentam fungos e outras estão inapropriadas para o uso, pelo longo tempo de acondicionamento. Nestas condições, segundo DANTAS & GUIMARÃES (2006), as plantas perdem as suas reais ações terapêuticas, constituindo um perigo, uma vez que os fungos também podem modificar as reais ações terapêuticas dos vegetais ou causar complicações orgânicas aos usuários.

Ressaltam-se ainda os riscos da utilização indiscriminada de plantas medicinais, pois a maioria destas, não está sujeita a uma legislação farmacêutica que garanta a qualidade do material. Plantas frescas geralmente são conseguidas em cultivos caseiros e as plantas secas são adquiridas, na maior parte dos casos, em raizeiros que as comercializam em feiras e mercados (MATOS, 1989). OLIVEIRA & GONÇALVES (2006) frisam que o surgimento do conceito de “natural” em muito contribuiu para o aumento do uso das plantas medicinais nas últimas décadas, mas que isto se torna de certa forma perigoso, visto que muitas pessoas imaginam que esses medicamentos não apresentam nenhum efeito nocivo. Segundo MATOS (1989) dentre os principais riscos no uso de plantas medicinais estão: o uso descuidado de plantas tóxicas, a utilização de plantas que contenham substâncias tóxicas de ação retardada, o uso de plantas mofadas por terem sido mal preparadas e mantidas em recipientes e locais impróprios e o uso de plantas indicadas ou adquiridas erradamente. Nestes casos tanto a conservação e preparo do material, quanto à certeza de que realmente é a espécie correta, só podem ser garantidas com base no conhecimento do raizeiro que pode ser um simples vendedor ou um especialista no assunto, cuja formação representa a cultura tradicional passada de geração a geração.

Segundo os entrevistados, constatou-se que os principais motivos para a utilização das espécies medicinais pela população são: preço bem inferior aos medicamentos industrializados e a crença de que são formas mais eficazes de tratamento. Segundo ALVES (2006) o uso de animais e plantas como remédio pode ser visto como uma opção na substituição de medicamentos que a indústria farmacêutica coloca à disposição da população a preços que não condizem com a sua realidade sócio-econômica ou cultural, sobretudo no caso das populações tradicionais.

As plantas são a identidade de um conjunto de pessoas, refletem o que são; o que pensam e suas relações com a natureza que os cerca (MEDEIROS et al., 2004). Conseqüentemente, o uso de plantas para fins terapêuticos insere-se em um contexto social e ecológico, de modo que muitas das peculiaridades deste emprego só podem ser entendidas se esses contextos forem compreendidos e assimilados.

A utilização popular das plantas medicinais no Brasil, com fins terapêuticos e rituais religiosos, provém de diferentes origens e culturas tradicionais, principalmente de índios brasileiros e seitas afro-brasileiras, e da cultura e tradição africana e européia. O uso e o comércio de plantas medicinais no Brasil, como em outros países, foram estimulados pelas necessidades de uma crescente população que demanda cada vez mais plantas medicinais para o cuidado de sua saúde e para seus cultos e tradições religiosas; pela facilidade de acesso devido aos altos custos da medicina ocidental, aos efeitos colaterais provocados pelos fármacos sintéticos, além do crescente interesse nacional e internacional pelo potencial terapêutico e econômico que representam e a demanda de novos produtos pela indústria farmacêutica (BERG, 1993; CARRARA, 1995; SIMÕES et al., 1998).

### Comércio de plantas medicinais

Segundo os entrevistados, as plantas medicinais podem ser adquiridas através da compra direta a fornecedores oriundos das cidades de Boqueirão, Soledade, João Pessoa, Massaranduba, Lagoa Seca e Jacaraú, todas localizadas na Paraíba. O preço varia dependendo da espécie. As partes das plantas (folhas, raízes e caules) são adquiridas por peso (Kg), a preços que variam de 5 a 25 Reais. As plantas também são comercializadas em sacos de 60 Kg, que é forma de comércio predominante para aquisição por parte dos comerciantes entrevistados.

Dentre as plantas citadas, *Syagrus cearensis* (raiz de côco do catolé) apresentou o maior valor comercial (Tabela 4). O preço de venda das plantas também varia dependendo da espécie. Geralmente, as plantas são vendidas aos usuários na forma de saquinho de 1 litro, a preços que variam de R\$ 2,00 (*Eucalyptus* sp. (eucalipto) e *Solidago chilensis* Meyen (arnica)), até R\$ 5,00 para espécies como *Ximenia americana* L. (ameixa) e *Alpinia speciosa* Schum. (colônia). As espécies *Eucalyptus* sp. (eucalipto), *Phylanthus niruri* L. (quebra-pedra), *Latifolia* Sm. (urinana) e *Petiveria alliacea* L. (tipi), podem ser comercializadas em molhos, a preços que variam de vinte a 80 centavos de Real.

Especula-se que no Brasil o comércio de plantas medicinais é bastante forte, mas existem poucos dados quanto a volumes e preços. Citam-se como principais mercados internos de venda de plantas medicinais a cidade de Manaus – Amazonas e Belém – Pará, especialmente o mercado Ver-o-Peso (considerado como o mercado mais importante de toda a Amazônia), a feira de Barão de Igarapé e o Complexo São Braz (ESTRELLA, 1995). Pode-se salientar, portanto, que o comércio de plantas medicinais é comum em todas as cidades brasileiras, especialmente nas feiras livres e mercados.

AZEVEDO & SILVA (2006) salientam que a desarticulação de políticas públicas relativas ao atendimento das necessidades básicas de saúde das populações periféricas vem levando a uma crescente procura de alternativas economicamente mais viáveis, o que gera um aumento do consumo de plantas medicinais. Ou seja, o próprio gerenciamento atual do sistema de saúde pública age de forma preponderante na inacessibilidade que

muitas pessoas têm aos serviços básicos de saúde e, desta maneira, busca formas alternativas para tratamento de suas doenças ou enfermidades, como o uso de plantas medicinais.

MENDES (1997) em estudo sobre plantas medicinais, realizado no Estado do Maranhão, assinalou a importância de dois aspectos básicos em relação ao comércio de plantas medicinais: a) o consumidor, sabendo que atualmente a medicina oficial, a cada dia que passa, é um elemento de difícil acesso para a maioria do povo brasileiro dado os altos custos das consultas médicas e dos remédios; e b) as instituições públicas, que por sua vez encontram-se cada vez mais sucateadas, pelas distorções da política social do governo, também a formação do “cartel” de planos de saúde que atendem somente a uma minoria. Com isso resta à população de baixa renda recorrer à cura de suas doenças através das ervas e garrafadas.

Ainda segundo esse autor, quanto ao vendedor, podem-se observar dois perfis: a) os mais velhos, que sempre exerceram essa profissão; e b) os mais novos, que antes exerciam outras atividades, como comerciários, trabalhadores da construção civil, costureiros, verdureiros, que quando se viram desempregados, ou tendo prejuízo (no caso dos verdureiros), recorreram a venda de ervas como uma alternativa de sobrevivência, já que o uso destas muitas vezes foi passado por seus familiares.

## CONCLUSÕES

Os comerciantes de ervas da cidade de Campina Grande apresentam baixo grau de escolaridade e possuem renda salarial baixa. A principal fonte de renda dos entrevistados é o comércio de plantas medicinais, evidenciando a importância sócio-econômica dessa atividade.

As espécies vegetais de uso medicinal, comercializadas nas feiras de Campina Grande que foram inventariadas nesse estudo pertencem principalmente às famílias Anacardiaceae, Fabaceae e Euphorbiaceae. As espécies de plantas mais citadas foram *Stryphnodendron* sp., *Myracrodruon urundeuva* (Engl.) Fr. All, *Ximenia americana* L., *Anacardium occidentale* L., *Cnidocolus phyllacanthus* (Mart) Rax e Hoffman, *Hibanthus ipecacuanha* (L.) Oken., *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D. Penn. e *Cnidocolus urens* (L.) Arthur.

A maior parte das plantas medicinais é utilizada por via oral, sendo a casca, a parte vegetal usada com maior frequência e são indicadas para enfermidades variadas, desde gripe, inflamações, infecções e até para diabetes e câncer.

Embora o conhecimento etnobotânico acerca das plantas medicinais exibidas pelos entrevistados seja fruto de um conhecimento acumulado ao longo de gerações, através da intuição e de experiências cotidianas, alerta-se para o fato de que o uso indiscriminado de tais medicamentos populares torna-se relativamente perigoso, uma vez que, por pleno desconhecimento, muitas pessoas acreditam que tais medicamentos não acarretam perigo algum, o que não é verdade, visto que podem ocorrer sérias conseqüências, efeitos colaterais, interações e intoxicações sem precedentes. Certamente, faz-se necessária a implementação de medidas de educação e informação efetivas que contribuam para o uso racional de plantas medicinais.

**Tabela 3:** Espécies vegetais de uso medicinal citadas pelos erveiros entrevistados no Município de Campina Grande, PB.

<b>Família / nome científico</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Citações</b>	<b>Parte utilizada</b>	<b>Modo de uso</b>	<b>Indicações</b>
<b>ANACARDIACEAE</b>					
<i>Stryphnodendron sp.</i>	Barbatenom	8	Casca	Chá	Gastrite, úlcera, diabetes, colesterol, inflamação do ovário e do útero
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Engl.) Fr. All.	Aroeira	7	Casca	Chá e uso tópico	Mioma, gastrite, úlcera, infecção na vagina, inflamação do útero e ovários
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro- roxo	6	Casca	Chá e uso tópico	Inflamações em geral, diabetes e tratamento pós-cirúrgico
<b>ASTERACEAE</b>					
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Macela	4	Semente	Chá	Má digestão
<b>BIGNONIACEAE</b>					
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Pau d'arco ou ipê roxo	4	Casca	Chá	Dor de coluna, cisto no ovário e câncer, diabetes e colesterol

Tabela 3: Continuação

Família / nome científico	Nome popular	Citações	Parte utilizada	Modo de uso	Indicações
<b>CACTACEAE</b>					
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cardeiro	1	Raiz	Chá	Infecção Urinária, sudorese e inflamação de próstata
<b>CAESALPINIACEAE</b>					
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	4	Casca	Chá	Diabetes, colesterol, gastrite e cólicas
<b>CAPRIFOLIACEAE</b>					
<i>Sambucus australis</i> Cham. e Schtdl	Sabugueiro	4	Folha	Chá	Gripe
<b>COMPOSITAE</b>					
<i>Solidago chilensis</i> Meyen.	Arnica	1	Casca	Chá	Infecção urinária e desobstrução de vasos sanguíneos
<b>EUPHORBIACEAE</b>					
<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> (Mart) Rax e Hoffman	Favela	6	Casca	Chá	Tratamento pós-cirúrgico e inflamação
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	Urtiga branca	5	Raiz	Chá	Inflamação de próstata, cisto no ovário e no útero



Tabela 3: Continuação

Família / nome científico	Nome popular	Citações	Parte utilizada	Modo de uso	Indicações
<b>EUPHORBIACEAE</b>					
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	3	Raiz	Chá	Inflamação dos rins e do fígado
<b>FABACEAE</b>					
<i>Amburana cearensis</i> A.Smith.	Cumarú	4	Casca	lambedor	Tosse, sinusite, dor de dente e desbucheço
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Sucupira	3	Semente	Chá	Inflamação da garganta, reumatismo
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	3	Casca	Chá	Insônia
<i>Latifolia</i> Sm.	Urinana	1	Casca	Chá	Infecção Urinária
<b>MIMOSACEAE</b>					
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema preta	3	Casca	Chá	Dor de coluna, inflamação em geral e reumatismo
<b>MYRTACEAE</b>					
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	4	Folha	lambedor	Gripe e inflamação da garganta

Tabela 3: Continuação

Família / nome científico	Nome popular	Citações	Parte utilizada	Modo de uso	Indicações
<b>PALMAE</b>					
<i>Syagrus cearencis</i>	Raiz de côco do catolé	3	Raiz	Chá	Inflamação dos rins
<b>PHYTOLACACEAE</b>					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné, Tipi ou Pipi	1	Raiz	Chá e banho	Osteoporose
<b>ROSACEAE</b>					
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	7	Casca	Chá e uso tópico	Gastrite, úlcera, ferimentos, infecção urinária, inflamação da garganta e escorrimento vaginal
<b>RUBIACEAE</b>					
<i>Coutarea hexandra</i> Schum.	Quina-quina	3	Casca	Chá e lambedor	Amenorréia, fortalecer o sangue, sinusite e aborto
<b>SAPOTACEAE</b>					
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn.	Quixaba	6	Casca	Chá	Inflamações em geral

Tabela 3: Continuação

Família / nome científico	Nome popular	Citações	Parte utilizada	Modo de uso	Indicações
<b>VIOLACEAE</b>					
<i>Hibanthus ipecacuanha</i> (L.) Oken.	Papaconha	6	Raiz	Chá	Para criança que está nascendo os dentes, tosse, estimulante para sangue fraco e acne.
<b>ZINGIBERACEAE</b>					
<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Colônia	3	Folha	Lambedor e banho	Febre e gripe

**Tabela 4:** Plantas medicinais comercializadas e os seus respectivos valores de compra de acordo com os erveiros de feiras livres da cidade de Campina Grande, PB.

Plantas medicinais	Preço de compra (R\$)		Preço de venda	
	Valor em Kg (R\$)	Valor em saco de 60 Kg (R\$)	Valor em saquinho de 1 litro (R\$)	Valor em molho (R\$)
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn.	-	35,00	4,00	-
<i>Cnidoscopus phyllacanthus</i> (Mart) Rax e Hoffman	-	40,00	-	-
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Engl.) Fr. All.	-	45,00	4,00	-
<i>Sambucus australis</i> Cham. e Schlttdl	-	10,00	3,00	-
<i>Ximenia americana</i> L.	-	35,00	5,00	-
<i>Stryphnodendron</i> sp.	-	35,00	-	-
<i>Hybanthus ipecacuanha</i> (L.) Oken.	-	35,00	3,00	-
<i>Cnidoscopus urens</i> (L.) Arthur	-	15,00	-	-
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	-	12,00	-	-
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	15,00	-	-	-
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	-	20,00	-	-
<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	-	20,00	5,00	-
<i>Amburana cearensis</i> A.Smith.	-	20,00	-	-
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	25,00	-	-	-
<i>Eucalyptus</i> sp.	-	25,00	2,00	0,20
<i>Coutarea hexandra</i> Schum.	-	20,00	3,00	-
<i>Phylhanthus niruri</i> L.	-	25,00	-	0,50
<i>Anacardium occidentale</i> L.	-	30,00	-	-
<i>Latifolia</i> Sm.	6,00	-	-	0,50
<i>Solidago chilensis</i> Meyen.	7,00	-	2,00	-
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	-	12,00	-	-
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	-	20,00	3,00	-
<i>Syagrus cearensis</i>	-	60,00	-	-
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	5,00	-	-	-
<i>Petiveria alliacea</i> L.	-	30,00	-	0,80

---

--	--	--	--	--

---

## AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Neuri Vasconcelos e Sra. Dona Creuza por dividirem seus conhecimentos, sem os quais este trabalho não seria realizado. Ao botânico prof. MSc. Ivan Coelho Dantas pelas valiosas sugestões e identificação de grande parte das espécies de plantas abordadas neste estudo.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. V. C. *A transferência de informação tecnológica entre a Universidade Federal da Paraíba e as empresas de base tecnológica do pólo tecnológico de Campina*. 2005. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. 1. ed. Recife: UFRPE, 2004.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um estudo de caso. *Interciência*. v. 27, n. 6, p. 276-284, 2002.
- ALVES, R. R. N. *Uso e comércio de animais para fins medicinais e mágico-religiosos no Norte e Nordeste do Brasil*. 2006. 252 p. Tese (Doutorado) Departamento de Sistemática e Filogenia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- AMARAL, F.M.M. et al. Avaliação da qualidade de drogas vegetais comercializadas em São Luís, Maranhão. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. v. 13, n. 1, p. 27-30, 2003.
- AMOROZO, M. C.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Bacarena, PA, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ser. Bot. Belém*. v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.
- ARAUJO, T. S. et al. Perfil sócio-econômico dos raizeiros que atuam na cidade de Natal(RN). *Infarma*, CFF, Brasília. v.15, n. 1/3, p. 77-79, 2003.
- AZEVEDO, S. K. S.; SILVA, I. M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. v. 20, n. 1, p. 185-194, 2006.
- BECK, H. T.; ORTIZ, A. Proyecto etnobotânico de la comunidad Awá en el Ecuador. In. M. Rios e H. B. Pedersen (eds.). *Uso y Manejo de Recursos Vegetales. Memorias del II Simposio Ecuatoriano de Etnobotânica y Botânica Económica*, Quito, 1997. p. 159-176.
- BERG, M. E. V. D.. *Plantas Mediciniais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.
- BERNARD, R. *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks, CA, USA: Sage Publications, 1994.
- CAMARGO, M. T. L. *Medicina Popular: aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral*. São Paulo: ALMED, 1985.
- CARRARA, D. P. *O pensamento médico popular*. Rio de Janeiro, RJ: Ribro Soft Editoria e Informática Ltda, 1995.
- COSTA, M. A. G. *Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporanga, SP*. 2002. 134p. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Botucatu, SP.
- DANTAS, I. C.; GUIMARÃES, F. R. Perfil dos raizeiros que comercializam plantas medicinais no município de Campina Grande, PB. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*. v. 6, n. 1, p. 39-44, 2006.
- DORIGONI, P. A. et al. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*. v. 4, n. 1, p. 69-79, 2001.
- DOURADO, E. R.; DOCA, K. N. P.; ARAUJO, T. C. C. Comercialização de plantas medicinais por "raizeiros" na cidade de Anápolis-GO. *Revista Eletrônica de Farmácia*. Suplemento. v. 2, n. 2, p. 67-69, 2005.

- ESTRELLA, E. *Plantas Medicinales Amazónicas: Realidad y Perspectivas*. Tratado de Cooperación Amazônica – TCA. Lima, Peru: Secretaria Pro Tempore, 1995.
- FARIA, A. P. O. C. *O Uso de Plantas Medicinais em Juscimeira e Rondonópolis, Mato Grosso: Um Estudo Etnoecológico*. 1998. 152 p. Dissertação (Mestrado) Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT.
- FERREIRA, S. H. *Medicamentos a partir de plantas medicinais no Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1998.
- FONSECA, V. S.; SA, C. F. C. Situación de los estudios etnobotánicos em ecosistemas costeros do Brasil. In: Rios e H. B. Pedersen (eds.). *Uso y Manejo de Recursos Vegetales. Memórias Del II Simbosio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica*, Quito, 1997. p. 57-81.
- GOTTLIEB, O. R.; KAPLAN, M. A. C.; BORIN, M. R. M. B. *Biodiversidade: Um enfoque químico-biológico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Canal Cidades* [on line]. 2007. Disponível: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> [capturado em out. 2007].
- LEWINSOHN, T. M.; PRADO, P. I. *Biodiversidade Brasileira: Síntese do Estado Atual do Conhecimento*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MARQUES, J. G. W. *Aspectos Ecológicos na Etnoictiologia dos Pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas*. 1991. 280 p. Tese (Doutorado) Instituto de Biociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais: Guia de seleção e emprego de plantas medicinais no Nordeste do Brasil*. Fortaleza: IOCE, 1989.
- MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*. v. 18, n. 2, p. 391-399, 2004.
- MELO, J. G. et al. Qualidade de produtos a base de plantas medicinais comercializados no Brasil: castanha-da-índia (*Aesculus hippocastanum* L.), capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf ) e centela (*Centella asiatica* (L.) Urban). *Acta Botanica Brasílica*. v. 21, n. 1, p. 27-36, 2007.
- MENDES, M. *Erveiros dos nossos mercados: uma mostra*. Comissão Maranhense de Folclore. São Luís, MA: Editora Boletim, 1997. p. 5-6.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente. *Biodiversidade Brasileira: Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros*. Brasília: MMA/SBF, 2002.
- NASCIMENTO, J.E. et al. Produtos a base de plantas medicinais comercializados em Pernambuco – Nordeste do Brasil. *Acta Farmacéutica Bonaerense*. v. 24, n. 1, p. 113-122, 2005.
- OLIVEIRA, F. Q.; GONÇALVES, L. A. Conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos e potencial de toxicidade por usuários de Belo Horizonte, Minas Gerais. *Revista Eletrônica de Farmácia*. v. 3, n. 2, p. 36-41, 2006.
- PARENTE, C. E. T.; ROSA, M. M. T. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ. *Rodriguésia*. v. 52, n. 80, p. 47-59, 2001.
- RODRIGUES, J. E.; GAUDÊNCIO, E. O.; ALMEIDA FILHO, S.. *Memorial Urbano de Campina Grande*. Campina Grande, PB: A União, 1996.
- ROSA, M. M. T.; SILVA, I. M.; CHAGAS, K. C. Plantas utilizadas como medicinais no Município de Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. In: XLII Congresso Nacional de Botânica, 1991. Anais...Goiânia, GO: Sociedade Brasileira de Botânica, 1991.

- SILVA, S. R. et al.. *Plantas medicinais do Brasil: aspectos gerais sobre legislação e comércio*. Brasília, DF: Ministério de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha e IBAMA. 2001.
- SIMÕES, C. M. O. *Plantas da medicina popular do Rio Grande do Sul*. 3 ed. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/ UFRGS, 1989.
- SIMÕES, C. M. O. et al. *Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul*. 5 ed. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade, UFRGS, 1998.
- SOMAVILLA, N.; CANTO-DOROW, T. S. Levantamento das plantas medicinais utilizadas em bairros de Santa Maria, RS, Brasil. *Ciência e Natura*. v. 18, p. 31-148, 1996.
- TRESVENZOL, L. M. et al. Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. *Revista Eletrônica de Farmácia*. v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.